



PERSPECTIVAS DISCURSIVAS EM *CHÃO BRUTO* E *SELVA TRÁGICA*, DE HERNANI DONATO

Carolini Cristina Santos Alpe Bonez¹

Resumo: Com base em análises de teorias voltadas à construção narrativa e dispondo do nível discursivo de dois romances do escritor Hernani Donato - *Chão Bruto* (1955) e *Selva Trágica* (1957), apresenta-se nessa instância a proposta deste trabalho, cujo aspecto fundamental está constituído na análise das narrativas aqui colocadas, a fim de verificar as zonas de convergência e divergência entre ambas as tessituras. Os métodos para a execução deste trabalho vertem-se para a observação, análise e revisão de dados bibliográficos no campo da teoria literária e no campo da história, pois ambos os romances contemplam rico acervo histórico, combinado ao estilo de composição literária do autor. O estudo em questão leva em consideração as correlações históricas e sociais a partir do nível do discurso, analisando as inerências entre o contexto de produção na narrativa e a articulação dos fatos extrínsecos ao texto, derivadas de um determinado momento histórico, e destacando as inerências mencionadas no plano da linguagem e das instâncias discursivas presentes na tessitura dos romances.

Palavras-chave: Narratividade. Romance histórico. Perspectiva discursiva. Convergências. Divergências.

DISCURSIVE PERSPECTIVES IN *CHÃO BRUTO* AND *SELVA TRÁGICA*, BY HERNANI DONATO

Abstract: Based on analysis of theories aimed at narrative construction and having the discursive level of two novels by the writer Hernani Donato - *Chão Bruto* (1955) and *Selva Trágica* (1957), the proposal of this work is presented in this instance, whose fundamental aspect it is constituted in the analysis of the narratives placed here, in order to verify the zones of convergence and divergence between both texts. The methods for carrying out this work are used for the observation, analysis and review of bibliographic data in the field of literary theory and in the field of history, as both novels include a rich historical collection, combined with the author's literary composition style. The study in question takes into account the historical and social correlations from the discourse level, analyzing the inherences between the context of production in the narrative and the articulation of facts extrinsic to the text, derived from a certain historical moment, and highlighting the mentioned inherences in terms of language and discursive instances present in the textual construction of novels.

Keywords: Narrativity. Historical novel. Discursive perspective. Convergences. Disagreements.

¹ Doutoranda em Letras pela UNESP/Ibilce - São José do Rio Preto. Bolsista pela CAPES. ORCID: 0000-0002-3549-0236. E-mail: carolinialpe@gmail.com.

Introdução

Os romances *Chão Bruto* - publicação em 1955, e *Selva Trágica* – com publicação em 1957, se constituem como duas expressivas obras literárias do autor paulista Hernani Donato. O autor construiu, sob as nuances da história oficial, as referidas narrativas mesclando a esfera real e a esfera fictícia, projetando no plano de fundo histórico a narrativa velada de muitos indivíduos que são aqui retratados pelas personagens de ambas as obras. A criticidade a qual abarca as duas tessituras é trabalhada a partir do manejo com a linguagem e da sensibilidade do autor, uma vez que a tragicidade e a brutalidade – conceitos tão expressivos nos romances -, configuram-se a partir do nível discursivo como elos entre a história velada, a história narrada, e a história apreendida pelo leitor.

Seguem as linhas de análise aqui delineadas que nortearão nossa análise no presente estudo: a) o contexto de povoamento; b) as personagens submetidas a processos de imposição ideológica; c) a disposição dos ambientes nos quais se passam as tramas enquanto esfera norteadora do romance. A partir desses aspectos buscaremos verificar como as perspectivas discursivas das narrativas apresentam convergências e divergências no que tange ao processo de articulação e execução literária de ambas as obras.

1. A configuração discursiva de *Selva Trágica* e *Chão Bruto*: análise dos aspectos convergentes e divergentes nas narrativas

Os romances *Selva Trágica* e *Chão Bruto* apresentam aspectos de produção muito semelhantes. O autor Hernani Donato explora a questão histórica aliando-a à sua articulação discursiva. O autor utiliza como plano de fundo a esfera histórica e insere a trama a partir de personagens que passam a representar os caracteres tanto do erval, em *Selva Trágica*, quanto da esfera de ocupação do território paulista, em *Chão Bruto*.

Jérri Marin (2003, p. 137) adimple as seguintes acepções quanto ao estilo literário de Donato que “as narrativas de Donato caracterizam-se também por mesclar elementos factuais e fictícios e temas regionais e universais [...] Nos romances históricos *Chão Bruto* e *Selva Trágica* Donato aproxima a escrita literária da histórica, ao escrever inspirado em fatos reais e dramatizar em cima deles. (MARIN, 2013, p. 137).

Relacionando a afirmação de Marin (2013) ao contexto de elaboração dos romances *Selva Trágica* e *Chão Bruto*, podemos depreender que o estilo do autor vai além da mera descrição com relação aos fatos apresentados na narrativa. Donato

elabora ambas as narrativas a partir do estudo dos fatos que ocorreram tanto nos ervais quanto no processo de ocupação do nordeste paulista, e transpõe todo o seu estudo e análise dessas atmosferas nas vias do discurso.

Partindo para o nível de análise da narrativa, em primeiro momento, analisar-se-á o contexto de povoamento que se estabelece em ambos os romances. Veremos a seguir como o povoamento executado em ambas as narrativas ocorrem a partir de processos distintos. Em *Selva Trágica* o povoamento das localidades apresentadas na tessitura volta-se à esfera extracionista da erva-mate. Já em *Chão Bruto*, tem-se o processo de ocupação do sudoeste paulista.

No primeiro romance temos o povoamento de áreas isoladas – as denominadas *minas de extração da erva-mate*. Em torno dessas minas, que eram previamente localizadas por funcionários da companhia extracionista, instalavam-se os acampamentos dos indivíduos que ali viriam a situar-se. É nesse momento que visualizamos o entremear de culturas, uma vez que os indivíduos que ali estavam provinham de diferentes locais, possuíam diferentes gêneros e faixa-etárias, e mostravam divergentes expectativas e perspectivas quanto ao erval. Sendo assim, o povoamento se constitui de modo cíclico – primeiro encontrava-se a área desejada, montava-se o povoado, extraía-se o máximo que os trabalhadores conseguissem retirar das minas de erva, e posteriormente, o acampamento era desarmado, sendo montado novamente no próximo local de extração.

No romance *Chão Bruto*, o processo de povoamento ocorre de modo divergente ao romance *Selva Trágica*. Se em *Selva Trágica* o povoamento é de caráter cíclico e em terras apropriadas em um contexto pós-guerra do Paraguai, em *Chão Bruto* temos a presença dos proprietários de terras e posseiros. Logo, o processo de povoamento aqui diverge-se em virtude da apropriação e uso territorial.

A narrativa pela qual se configura o desenvolvimento da trama de *Chão Bruto* volta-se ao povoamento do sudoeste paulista. Este povoamento não é executado de forma pacífica. Logo, temos a força da civilização imperando sobre os pequenos proprietários de terras.

No entanto, ainda que apresentando divergências entre sua ambientação e seu plano de fundo histórico, ambos os romances apresentam uma esfera híbrida no que se refere à construção das personagens inerentes aos seus contextos de desenvolvimento. Para essa breve análise, identifiquemos o *hibridismo* a partir palavras de Moreiras (2001, p. 342).

O conceito de hibridismo é complexo e particularmente sugestivo porque pode ser usado para agrupar fenômenos que derivam tanto da territorialização quanto da desterritorialização. No caso da última, o hibridismo se refere aos processos de perda em posições previamente determinadas. No caso da primeira, o hibridismo se refere à positividade em que tal perda implica, estruturalmente ou constitutivamente. (MOREIRAS, 2001, p. 342)

As acepções de Moreiras (2001) quanto ao hibridismo vertem-se aos romances aqui analisados uma vez os processos de territorialização e desterritorialização ocorrem em ambas as narrativas. O que essas esferas promovem às personagens é o senso de deslocamento de suas origens. Ainda que as culturas e identidades se choquem inicialmente, com o convívio e a submissão ao sistema ao qual essas personagens estão subjugadas, ocorre a diluição do panorama individual, e por fim, a obliteração desses indivíduos no que refere-se ao posicionamento que estas assumem no contexto da trama. Os indivíduos que constituem a narrativa encontram-se deslocados, uma vez que estas permanecem em constante trânsito, volúveis à hegemonia proposta pelos representantes ideológicos vigentes na trama.

Vejamos a seguir um fragmento de *Chão Bruto* (1955, p. 60-61):

A “boiadeira” é um rio de carne (...) a boiada leva personalidade tal e qual os homens que a guiam. Tem cor, tem cheiro, tem maneiras próprias. Cada mestiço é um cartucho pronto a explodir sob o calor exasperante da caminhada, o estalar dos relhos, o anavalhar dos gritos. É um perigo permanente e mesmo o torcer do vento na capoeira ou o estalar de uma taquara na restinga pode provocar o estouro. Já o pantaneiro é um trágico. Fora de sua querência é um abatido. Bravio e apanhado a laço no chão nativo, o seu casco mole abre-se em feridas no solo duro da estrada batida. Vai marcando com sangue e ossadas o caminho para a engorda e sacrifício. (DONATO, 1955, p. 60-61)

Nesse fragmento percebemos a presença de dois estereótipos que marcam a trama – o mestiço e o pantaneiro. Percebemos que, ainda que esses apresentem culturas e trejeitos divergentes, ambos se equivalem ao serem correlacionados com a boiada. Mesclam-se suas ações particulares ao coletivo – a boiada. O narrador não apresenta fronteiras explícitas entre os homens e a boiada. Essa articulação discursiva promove uma via de mão dupla entre o homem boiadeiro, e a boiada que coordena, não importando as suas particularidades em meio ao trabalho diário e exaustivo.

Em *Selva Trágica*, a erva configurava-se como uma promessa aos olhos daqueles que vieram trabalhar nos ervais. Porém, a atmosfera propiciada pela erva

culminava apenas no trabalho e na acumulação de dívidas, o que foi aos poucos, condicionando tais indivíduos às regras do erval. Não há distinções entre nacionalidade, gêneros, e crenças. No entanto, todos são equiparados para que tenham como único fim altas taxas de produção no ambiente ervateiro. Nesse contexto, tornar-se híbrido aloca-se ao tornar-se nulo perante o sistema, sendo apenas mais uma força de trabalho, que pode ser substituída a qualquer momento e a qualquer preço.

As acepções dispostas nos parágrafos anteriores tangenciam o segundo ponto que analisaremos a seguir – o processo de imposição ideológica ao qual as personagens são submetidas. Ressalta-se no entanto, que esse processo se constitui presente a partir da enunciação promovida por personagens que encabeçam as ideologias às quais nos referimos. Segundo Mignolo (2003, s/p), “(...) as identidades são construídas dialogicamente dentro de uma estrutura de poder.” No entanto, estas também sofrem as forças das ideologias, constituindo-se portanto, como promotoras enunciativas de uma determinada visão de mundo, sem que possam modificá-la. As noções voltadas à ideologia são guiadas nessa apresentação textual a partir do conceito de *cadeias ideológicas*, apresentada por Bakhtin/Volochinov (2014, p. 34): “Essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas às outras. Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra.” A ideologia é um processo que remete não só à *consciência individual* do sujeito, mas também ao meio social. A *ideologia* presente nas cadeias ideológicas contamina as *consciências individuais* que, em um determinado grupo social, passam a ter seu discurso pigmentado pelas relações ideológicas que lhes são concebidas.

Em *Selva Trágica* temos a personagem *Curê* – gestor do acampamento ervateiro, que apresenta em seu discurso a força da ideologia de uma empresa transnacional; já em *Chão Bruto*, temos o personagem *Capitão Paulo*, representante ideológico da força civilizatória que permeou o sudoeste paulista.

No romance *Selva Trágica* podemos visualizar o processo ideológico uma vez que os sujeitos dispostos na trama são contaminados por uma determinada visão de mundo que, gradualmente, altera as marcas discursivos dos caracteres englobados pelo erval. A *ideologia* à qual nos referimos nesse contexto volta-se para o monopólio da Companhia Mate Laranjeira. Compreendamos que a Companhia tem sua visão de mundo disseminada a partir do discurso dos sujeitos que a enunciam. É válido ressaltar que a *ideologia* impregnada em um discurso tem como principal característica o fato de estar implícita, oculta. Sendo assim, esta configura-se velada em face das instâncias

discursivas. Em *Selva Trágica*, a força e poder da Companhia Mate Laranjeira são conferidas no nível textual, em virtude da enunciação dos sujeitos, o que mostra quão relevantes são as vozes ideológicas que permeiam um determinado momento histórico, e como estas condicionam e articulam as ações dos sujeitos, lembrando que a referida articulação é refratada a partir das noções. A seguir temos a passagem que apresenta *Curê* frente a personagem *Pytã*, um dos trabalhadores que lançou fuga dos ervais e foi capturado. Nessa passagem, *Curê* volta seu discurso a *Pytã* para falar das dívidas que este contraiu trabalhando na companhia.

- Aha! Está pensando nas suas dívidas? Esquece delas. Mandei ver suas contas. Mesmo que o resto do erval fosse reservado como tarefa sua, você não poderia pagar tudo dessa vez. (...) Você é um bom macheteiro e a Companhia dá valor aos que trabalham bem. (DONATO,1976, p. 161).

O enunciado manifesto a partir da personagem *Curê* é influenciado por vozes dialógicas coexistentes em determinada ideologia. Uma dessas vozes é a visão de mundo que a empresa responsável pelos ervais – Companhia Mate Laranjeira – promovia aos seus encarregados. A afirmação “a Companhia dá valor aos que trabalham bem.” (DONATO,1976, p. 161) não é produto puro do discurso da personagem *Curê*, mas sim do processo ideológico de uma empresa que articula a perspectiva de mundo aos seus subjugados e dissemina a partir desses sujeitos.

Em *Chão Bruto* nos é apresentada a força ideológica que visa o processo acima de quaisquer circunstâncias. A personagem *Capitão Paulo* manifesta o anseio territorial de caráter expansionista. No entanto, percebe-se pelo viés discursivo dessa personagem, que a esfera coletiva ocorre apenas no que tange à obtenção de mais territórios, ainda que isso promulgue a expulsão e até mesmo a morte àqueles que já encontram-se situados no local por ele desejado. A passagem a seguir representa tanto o desejo íntimo da personagem com relação à ampliação de suas posses, quanto a ideologia ao qual este é subjugado. Na referida passagem, temos a personagem *Capitão Paulo* em mais uma empreitada de *grilagem* de terras, no entanto, este encontra-se preocupado quando percebe a aproximação da chuva, que pode atrapalhar seus planos já arquitetados para a execução da tomada de terras dos fazendeiros já alocados nos territórios.

Chuva. Fechou a camisa ao vento frio e sentiu na boca o que chamava o gosto da contrariedade. Um dia infeliz, sim senhor! Mas o certo é o certo – ainda que o dilúvio chegasse às colinas, faria os homens trabalhar! Sabe que nos longes, além do rio, para lá do véu cinza-azulado da chuva,

outros homens grilam outras terras... Mais terras do que ele vai perder num dia. (DONATO, 1955, p. 97).

O processo ideológico ao qual está submetida a personagem pode ser verificado a partir do processo ao qual o discurso é modulado. No fragmento acima podemos notar as nuances que permeiam entre o individual e o coletivo, o que corrobora a afirmação de que a personagem sofre a modulação de seu discurso perante a força ideológica presente no contexto extrínseco ao enunciado. No entanto, essa força ideológica dispõe-se intrínseca ao nível da enunciação. Para compreendermos essa afirmação, utilizemos aqui do conceito de *debreagem* (FIORIN, 2014,). A partir desse conceito os actantes, espaços e tempos da enunciação são ocultados. O enunciado passa a ser construído pelos actantes, espaços e tempos do enunciado.

A partir desse conceito podemos verificar como o foco narrativo transita entre as nuances discursivas. Na passagem da narrativa verificamos que ainda que inicialmente haja a narratividade em terceira pessoa – executada pelo narrador, o foco narrativo se transfere, de modo imediato à personagem, ainda que com poucas marcações de mudança de foco narrativo – no caso do excerto em questão a marcação que sugere a modalização do discurso é executada pelo ponto de exclamação. O narrador inicia sua abordagem narratológica e posteriormente o foco narrativo permuta para a personagem *Capitão Paulo*, que se encontra a seguir em itálico. (“Chuva. Fechou a camisa ao vento frio e sentiu na boca o que chamava o gosto da contrariedade. *Um dia infeliz, sim senhor! Mas o certo é o certo – ainda que o dilúvio chegasse às colinas, faria os homens trabalhar!*)

Utilizando a *debreagem* podemos verificar como a personagem *Capitão Paulo* projeta a visão de mundo voltada ao progresso, não importando se este exige sacrifícios de outros indivíduos. A referida visão de mundo é apresentada ao leitor tanto pela própria personagem, quanto pelo narrador que cede sua voz e a deixa ser modulada pela personagem. Outro aspecto a ser aqui colocado, que ressalta o quão coletivo configura-se o pensamento intrínseco ao discurso da personagem refere-se ao fato de que, assim como *Capitão Paulo*, outros indivíduos partilham de suas acepções, ainda que estes encontrem-se em um outro contexto que não fora apresentado pela narrativa. A força ideológica que representa a esfera progressista é retratada tanto pelo pensamento de *Capitão Paulo*, quanto pelos *outros homens*, que partilham – além do desejo de posse territorial -, o mesmo anseio quanto ao progresso independente deste ser norteado pela ganância e brutalidade.

Como terceiro e último ponto a ser colocado em análise veremos a disposição dos ambientes nos quais se passam as tramas e como eles configuram-se como esferas norteadoras dos romances.

Tanto em *Selva Trágica* quanto em *Chão Bruto*, os espaços são apresentados pelo viés da tessitura da trama como locais desconhecidos, velados perante as zonas de desenvolvimento brasileiro. Vejamos dois fragmentos que corroboram essa afirmação, sendo estes de *Selva Trágica* e *Chão Bruto*, respectivamente:

Não pensem que com isso - esse papel do Governo – os apuros se acabaram. O Governo está longe, tem a vista fraca demais para enxergar o que se passa no meio do mato. E a erva está no meio do mato. Não nos jardins do palácio do Governo. Agora vamos lutar contra outro tipo de poder: o dinheiro, a política, o suborno, a malícia. (DONATO, 1976, p. 198).

Assim estavam as coisas nas terras do Grande Pontal! Os mapas diziam delas – “Sertão Desconhecido”. E esse aviso punha tremuras de doença nos magríssimos caminhos estendidos sabe Deus por quem no rumo do Mato Grosso. (DONATO, 1980, p. 13).

A partir de ambos os excertos verificamos que a esfera trágica, como sugere o título e também a trama em *Selva Trágica*, e a brutalidade, que norteia *Chão Bruto* são correlatas ao contexto no qual as localidades que ambientam as tramas situam-se.

Em *Selva Trágica*, as minas de extração de erva-mate e os indivíduos que nelas atuam – direta ou indiretamente – estão demasiadamente deslocadas da atenção governamental. Sendo assim, o abandono dessa localidade fomenta o surgimento e execução de leis e regimes de trabalhos aos quais os trabalhadores são submetidos, sem que haja direito de indagação, restando aos indivíduos a aceitação do sistema forjado, ou a opção pela fuga dessa organização, que resulta em trabalho escravo (escravidão por dívida), duras penas como punição, ou ainda, a morte. Os ervais se fazem tão velados aos olhos das autoridades, que se constitui como um local que rege suas próprias regras, submetendo todos os que ali encontram-se à aceitação das ações que ali ocorrem.

Já em *Chão Bruto*, os embates entre os fazendeiros e posseiros configuram-se como um indício do isolamento desses locais à atuação da justiça. Nesse caso, a proteção das terras só pode ser executada pelo proprietário. No entanto, como a ganância e o anseio pela posse tornam-se mais latentes do que o direito da posse legal e do pertencimento da terra pelo dono desta, as leis que figuram nesse espaço também

são promovidas pelos homens. A brutalidade presente em *Chão Bruto* refere-se tanto ao modo como as ações ocorrem, quanto ao fato de os indivíduos encontrarem-se volúveis à luta territorial.

Considerações finais

Os romances analisados no presente texto apresentam similaridades e disparidades. Podemos verificar que o processo de execução literária de Hernani Donato apresenta-se de forma eficaz no que tange à disposição ficcional mediante a história – tanto a história oficial quanto velada. São muitos os índices discursivos a serem apercebidos e analisados via discurso, o que corrobora a originalidade e perspicácia do autor na elaboração de suas narrativas.

O estudo em questão compreendeu as correlações históricas e sociais a partir do nível do discurso, analisando as inerências entre o contexto de produção na narrativa e a articulação dos fatos extrínsecos ao texto, derivadas de um determinado momento histórico, e destacando as inerências mencionadas no plano da linguagem e das instâncias discursivas presentes na tessitura dos romances.

Referências

BAKHTIN, M. [VOLOCHINOV, V.] **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo: HUCITEC, 2014.

DONATO, Hernani. **Chão bruto**. São Paulo: Círculo do Livro: 1980.

_____. **Selva Trágica**. São Paulo: Edibolso, 1976.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

MARIN, Jéri Roberto. Hernani Donato: um autor multifacetado e inclassificável. In: PINHEIRO, Alexandra Santos; BUNGART NETO, Paulo (org.). **Ervais, pantanais e guavirais**: cultura e literatura em Mato Grosso do Sul. Dourados: Ed. UFGD, 2013. p. 121-143.

MIGNOLO, W. **Histórias locais/projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

MOREIRAS, A. **A exaustão da diferença**: a política dos estudos culturais latino-americanos. Belo Horizonte: EdUFMG, 2001.